 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a O GT pretende colocar em di?logo pesquisas que reflitam sobre os modos ind?genas de elabora??o e significa??o de suas no?es de identidades de g?nero e sexuais diante de suas exist?ncias h?bridas quando observamos as escalas de mobilidades/tr?nsitos de referentes morais e ?ticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais t?m conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos amer?ndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco n?o est?o distantes de rela?es que envolvem distintos regimes de alteridade e rela?es de poder. Sob tais condi?es sempre pl?sticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares ?s considera?es dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experi?ncias ind?genas relativas ?s problem?ticas de g?nero que atravessam as estruturas simb?licas e pr?xis coletivas. Entre estes processos a afilia??o religiosa, idade, escolariza??o, rela?es com o sistema de sa?de, mobilidades e migra??o, gest?o dos territ?rios, s?o fatores transversais que intersectam elementos culturais, hist?ricos e pol?ticos que cominam nas cosmopol?ticas efeitos conceituais, de tradu??o, manejo das diferen?as e experimenta?es de viv?ncias diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos ind?genas sobre os dom?nios, rela?es e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

Amor e gênero nahua: um caso transviado

Autoria: Lucas da Costa Maciel

A pessoa kuilot, alguém que recusa a masculinidade e se torna um terceiro tipo de corpo num sistema de sexo/gênero binário, é continuamente vista pelos demais nahua como um ingrato, uma pessoa incapaz de produzir amor e de dar conta das expectativas do princípio de reciprocidade. Como todo ingrato, é concebido como um mau parente. Pouco a pouco, as relações de parentesco em que o kuilot participa, assumindo lugar de ego masculino, se veem desgastadas pela sua incapacidade de produzir amor, o que em termos nativos implica reprodução. No limite, o kuilot perde sua inscrição de parentesco e foge, deixando de pensar na sua família. Ou pelo menos é isso que homens e mulheres dizem sobre quem é kuilot. Já ele, diz que homens e mulheres são incapazes de amá-lo. Para o kuilot, ele produz e demanda um tipo de amor que diverge da versão heterossexualizada e assentada sobre o princípio de reprodução que produz a ortodoxia do parentesco nahua. Questionando os fundamentos da categoria nativa de amor, o kuilot coloca em cheque a necessidade da reprodução, produzindo uma abertura ontológica no mundo nahua que nos exige pensar o parentesco sem reprodução e para além do binarismo homem-mulher que, sob muitos olhares antropológicos, se assume como o fundamento do parentesco. Nesta comunicação, mapearemos o ponto de vista kuilot para argumentar que gênero e sexualidade são eixos que tocam e produzem versões de mundo e que exigem que tratemos de ver os fenômenos numa perspectiva prísmica (Strathern). Em especial,

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> argumentaremos que uma teoria geral do parentesco que assume homens e mulheres como seu fundamento reproduz e legitima, em termos de etnografia nahua, uma visão ortodoxa que exclui o kuilot e o transforma num mau parente, quando esta percepção é apenas uma versão daquilo que entendemos como "cultura" nahua.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**